

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.7. Set./Dez./ 2019 p.153-167

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Crianças, mídias e mediações

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

"You can't help it": young children, mobile technology and family mediation strategies

Jacqueline Sobral

IBMR – Laureate International Universities

Rio de Janeiro-RJ- Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as estratégias de mediação familiar do uso de dispositivos tecnológico por crianças pequenas, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada em 2017 com 10 famílias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com crianças de 3 a 6 anos. Com base na onipresença do *smartphone* nas relações sociais e na configuração da estrutura familiar contemporânea, os resultados empíricos mostram o predomínio da mediação restritiva, e a frequente utilização da tecnologia móvel pelos pais como "babás eletrônicas" dos filhos, em descompasso com um discurso, enunciado pelos entrevistados, de preocupação com o excesso de uso das TIC pelas crianças.

Palavras-chave: mediação familiar; crianças pequenas; tecnologia móvel.

Abstract

This article aims to reflect on the strategies of family mediation of the use of technological devices by young children, based on a qualitative research conducted in 2017 with 10 families from the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, with children from 3 to 6 years. Based on the omnipresence of the *smartphone* in social relations and the configuration of the contemporary family structure, the empirical results show the predominance of restrictive mediation, and the frequent use of mobile technology by parents as "electronic babysitters", in disagreement with a discourse of concern about the overuse of ICT by children.

Keywords: family mediation; young children; mobile technology.

Introdução

“Tecnologia é uma preocupação, mas é um sossego”, resumiu uma das mães que participaram da minha pesquisa, que tinha uma filha de 6 anos e um filho de 15. A declaração ilustra o cenário contemporâneo: os adultos estão atentos às consequências negativas que a interação das crianças com as telas pode trazer, mas, ao mesmo tempo, não estão sabendo lidar com as rotinas e as tarefas do dia a dia e com a onipresença dos *smartphones* e de outros dispositivos no cotidiano familiar. Por um lado, admitem que o uso está “excessivo”, por parte deles e dos filhos; por outro, recorrem às TIC para entreter as crianças, enquanto eles próprios passam horas na companhia dos celulares.

As mídias são no século XXI uma “dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (SILVERSTONE, 2005, p.12). Diante do intenso uso dos dispositivos tecnológicos pelos adultos, não é estranho que os filhos desenvolvam cada vez mais cedo curiosidade por essas mídias. Já nos primeiros anos de vida as crianças estão navegando na internet, “viajando o mundo inteiro” a partir do deslizar de seus dedos pelas telas, sem sair de casa (TAPSCOTT, 1998).

A maioria da literatura acadêmica sobre a relação das crianças com os dispositivos tecnológicos de comunicação trata dos riscos e dos malefícios que as tecnologias de comunicação e informação trazem para meninas e meninos, em uma abordagem predominantemente funcionalista (BUCKINGHAM, 2007). Mas são poucos os estudos que se debruçam sobre o tema a partir de uma análise macrossocial e/ou buscam identificar as estratégias de mediação que os pais adotam desse uso do celular e do tablete pelos filhos (PLOWMAN, 2014).

Se as crianças, já em seus primeiros anos de vida, estão passando horas do seu dia na frente de uma tela, usando os dedos para navegar por aplicativos de jogos e vídeos online, é porque os pais vêm permitindo que isso ocorra, e cada família vai desenvolver e implementar as suas próprias regras e rotinas em relação a isso. De que forma essa interação se dá e qual é o papel que os pais vêm desempenhando nesse consumo das TIC pelos filhos? Chaudron (2015) observa que, na Europa, onde pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento vêm promovendo uma quantidade significativa de investigações empíricas sobre a relação das crianças com as mídias, a maioria dos estudos tem natureza

quantitativa, não inclui a tecnologia móvel e não tem como foco a participação da família nesse contexto. No Brasil, ao que tudo indica, a carência de pesquisas desse tipo é ainda maior – grande parte delas traz a escola como cenário e não inclui no debate as relações familiares (FERNANDES; CHAGAS-FERREIRA, 2017).

O objetivo deste artigo é refletir sobre as estratégias de mediação que os pais vêm adotando da interação de crianças pequenas com o *smartphone* e o *tablete*, a partir da minha tese de doutorado em Educação. De junho a dezembro de 2017, realizei uma pesquisa exploratória na Região Metropolitana do Rio de Janeiro com 10 famílias de crianças de 3 a 6 anos de idade. Escolhemos essa faixa etária, pois o foco eram meninas e meninos que ainda não passaram pela alfabetização (domínio da escrita) ou estão na fase inicial desse processo e, portanto, ainda têm o seu aprendizado em grande parte dependente da família. Do total de lares visitados, 8 estão localizados no município do Rio (2 na Zona Norte da cidade; 4 na Zona Sul e 2 na Zona Oeste) e 2 em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. A escolha dos participantes foi realizada a partir de indicações de membros do Grupo de Pesquisa Educação e Mídia (GRUPEM) da PUC-Rio e da própria rede de conhecidos da pesquisadora. O intuito foi reduzir a possível resistência das pessoas em aceitar o convite para participar do estudo. No total, 17 adultos e 14 crianças participaram da investigação. Foi realizada uma única visita a cada família, com duração de duas a três horas.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma perspectiva antropológica, que leva em consideração as dinâmicas do micro e do macrosocial; em um estudo que analisa as práticas cotidianas de cada família pesquisada, em diálogo com a configuração da estrutura familiar contemporânea, em um contexto de mediação da vida doméstica e de domesticação das tecnologias de comunicação (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 2005). A presença dos dispositivos tecnológicos na vida das crianças está inserida em um contexto muito mais amplo, que é o da participação dessas tecnologias no dia a dia de toda família. Compreendemos que a discussão precisa, portanto, incluir as relações familiares; a ação dos sujeitos (adultos e crianças); o mercado, que estimula a presença das TIC na vida das pessoas; e as relações sociais que ocorrem nas cidades, cada vez mais atravessadas pela mediação tecnológica da comunicação.

A onipresença das telas e as relações familiares

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

Três questões importantes emergiram da nossa pesquisa de campo, em consonância com a investigação de outros autores que vêm estudando o tema. A primeira diz respeito à mudança que a participação da tecnologia móvel promoveu na dinâmica familiar como um todo: as telas se transformaram praticamente em um “membro da família”, presentes o tempo todo, em todos os espaços da casa, não mais somente como “mito na sala de jantar” (FISCHER, 1984). É nesse cenário em que se dá a presença do celular e do tablete no cotidiano das crianças pequenas. A segunda trata da posição de relativa independência em relação ao adulto que as crianças vêm assumindo devido à desenvoltura delas diante da tecnologia *touchscreen*, o que intensifica a desestabilização da histórica relação de hierarquia e autoridade, base da separação moderna entre infância e fase adulta (PEREIRA, 2012). Além disso, o acesso delas à internet “abriu a cerca do lar” para ideias, valores e representações que circulam no mundo (MESCH, 2006), sobre as quais os pais têm pouco controle.

“A internet representa um desafio para as fronteiras da família”, avalia Mesch (2006, p.123, *tradução nossa*). Enfatizando que a presença de novas tecnologias no ambiente doméstico pode potencialmente mudar a qualidade das relações familiares, o pesquisador elenca pontos negativos e positivos dessa realidade: se por um lado pode promover conflitos familiares e uma diminuição da percepção do vínculo emocional que os seus membros têm; por outro, pode proporcionar oportunidades de aumento da comunicação e da colaboração familiar, já que pais e filhos podem brincar e utilizar juntos os dispositivos.

Um dos autores que Mesch utiliza como referência em seu artigo é Kerry Daly, para quem o uso das TIC no lar tanto pode manter as relações familiares em um “estado de interrupção”, como também pode conservar a família mais dentro de casa:

(...) Parece que as famílias estão na encruzilhada de dois caminhos diferentes: um que oferece a elas muitas novas oportunidades de compartilhar atividades dentro de casa e outro que facilmente as distrai no solitário mundo da tecnologia que demanda atenção exclusiva (DALY, 1996, p.83, *tradução nossa*).

O conceito de família como um “espaço relacional” (em vez de uma instituição fixa) de François de Singly (2007) colabora para a compreensão desse cenário. Segundo o sociólogo, atualmente, pais e filhos alternam no ambiente doméstico entre praticar suas

individualidades e seus modos de ser compartilhados. Inserindo a participação das telas nesse contexto, adultos e crianças muitas vezes estão até no mesmo cômodo da casa, mas não estão interagindo entre si, pois cada um está concentrado em seu próprio dispositivo tecnológico; em outras ocasiões, estão se relacionando a partir da prática conjunta de atividades online.

McLuhan (1964) ressalta que os meios tecnológicos são recursos criados pelos indivíduos que acabam moldando a vida psíquica da sociedade. Sua teoria sobre as máquinas como próteses humanas é bastante atual. Com base nela, Filgueiras (2017) defende que as mídias se tornam extensões da vida, ou seus elementos constitutivos, ajudando na construção da normalidade cotidiana.

A partir da teoria da domesticação, Silverstone, Hirsch e Morley (2005) afirmam que a compreensão das formas de apropriação da tecnologia na privacidade doméstica passa pela análise da estrutura e do sistema familiar, com sua própria cultura e padrões de comportamento:

As tecnologias de informação e de comunicação definem algumas das principais rotas ao longo das quais são construídas as biografias de ideias e significados, informações e prazeres; mas elas próprias, como objetos e como coisas, têm suas próprias biografias à medida que elas também se tornam domesticadas por diferentes culturas de famílias e de lares (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 2005, p.15, tradução nossa).

A integração da tecnologia móvel nas rotinas das famílias, portanto, provoca transformações na própria interação entre seus membros. As representações simbólicas que esses dispositivos ganham ao entrar nos lares e as negociações que se dão em torno dos seus usos, porém, não mantêm um padrão universal e variam de família para família.

O conceito e os tipos de mediação familiar

Pesquisas recentes (SINGER e SINGER, 2005; LOVATO e WAXMAN, 2016; NVESKI e SIIBAK, 2016) mostram que os modos de interação e os usos da televisão e das tecnologias móveis pela criança pequena têm ligação direta com a influência dos pais. “(...) a família continua a ser a primeira agência de socialização das crianças” (PEREIRA, 1998, p.16). No entanto, ainda é incipiente o número de estudos sobre como e por que os pais fazem a mediação dessa utilização (NIKKEN; SCHOLS, 2015).

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

O conceito de mediação familiar tem significativa importância para o estudo da presença das mídias no ambiente doméstico, especialmente para a reflexão dos usos que as crianças pequenas fazem desses dispositivos tecnológicos. Há indícios de que a percepção dos pais sobre os benefícios (ou não) desses meios de comunicação, assim como os seus próprios hábitos em relação às TIC, influencia o tipo de tecnologia que elas utilizam, o tempo que passam na frente das telas e os conteúdos que consomem ou produzem a partir desses aparatos.

O foco da literatura acadêmica sobre mediação familiar e utilização de mídias por crianças nas décadas de 1990 e 2000 foi principalmente a televisão. Inspirados por esses estudos, pesquisadores começaram a produzir investigações sobre as tecnologias digitais a partir de 3 tipos de mediação: mediação ativa, mediação restritiva e co-uso social. Mais tarde, autores como Livingstone (2015) defenderam as particularidades da interação com a internet e expandiram a classificação para incluir novas estratégias, como monitoramento e mediação técnica (NIMROD; ELIAS; LEMISH, 2019).

Para a realização da pesquisa qualitativa, trabalhamos com 5 tipos principais de mediação familiar, com base em Livingstone e outros autores (2015):

- *Mediação ativa*: inclui a discussão dos pais com a criança sobre os conteúdos midiáticos e a participação dos adultos nas atividades que elas estão desempenhando com as telas;
- *Mediação de segurança*: pais aconselham e orientam a criança sobre como evitar riscos no uso das TIC;
- *Mediação restritiva*: adultos definem regras de limite de tempo para a utilização dos dispositivos tecnológicos, ou proíbem o acesso a determinados conteúdos;
- *Mediação técnica*: pais configuram filtros e mecanismos de controle nos próprios dispositivos tecnológicos para que a criança não tenha acesso a determinadas mídias ou conteúdos, ainda que tente;
- *Mediação de monitoramento*: adultos verificam nos dispositivos o histórico de navegação após o uso pela criança.

As estratégias de mediação utilizadas pelos pais da nossa pesquisa

Em nosso estudo, a estratégia que mais surgiu nos relatos dos adultos foi a mediação restritiva, seja de limitação de tempo ou de conteúdo – todos os pais das 10 famílias ouvidas realizam esse tipo de mediação. Em segundo lugar, surgiu a mediação ativa: a estratégia apareceu 18 vezes na narrativa dos adultos entrevistados. Eles não têm, porém, o costume de exercer uma mediação de monitoramento (a estratégia só apareceu em três famílias) e nem uma mediação técnica (somente duas famílias narram utilizá-la).

Vanessa¹ e Flavio, ambos de 39 anos, têm 3 filhos: Eduardo, de 6, Alexandre, de 3, e Lucas, de 1 ano e 9 meses. Eles contam que já proibiram os dois filhos mais velhos de acessar o YouTube Kids durante uma semana, devido ao "excesso" de uso das crianças:

Vanessa (F5): *A gente controla. (...) Aí, você resolve liberar um dia pra eles jogarem meia horinha, uma horinha. Cara, já vai querer o tempo inteiro. Já vai acordar no dia seguinte procurando o celular. Celular é altamente viciante, é muito viciante. Mas, aí, você pega e deixa um ou dois dias sem mexer no celular, aí eles esquecem.*

Flavio: *Tem que controlar. É uma parada viciante. (...) Por exemplo, agora já tem tempo que eles estão sem jogar. Eles esquecem, fazem outras atividades. Se não, eles ficam mesmo ali na frente do celular. Eu pessoalmente não gosto. (...) Esse negócio de ficar fissurado o dia inteiro na frente de uma tela, eu, pessoalmente, não acho muito legal. (...) Mas tem que deixar eles, óbvio, (...) mas não o dia inteiro, se deixar, eles ficam o dia inteiro.*

Os dois adultos mantêm o discurso do "vício" ao falarem do próprio uso de *smartphone* e se mostram preocupados com a importância que a família como um todo atribui ao dispositivo tecnológico. No entanto, em outro momento da entrevista, Vanessa demonstra utilizar o celular e o tablete como “babás eletrônicas” dos filhos:

Vanessa: *(...) Não tem como hoje em dia eu proibir de assistir. Não tem como ter alguém brincando com eles o dia inteiro. Eu preciso ter um momento de paz. Viajei de avião outro dia sozinha com os três. Vim de Brasília. (...) Fui com a minha mãe e na volta eu vim sozinha. Aí, na boa, sentada eram os três, eu, o Lucas no colo e os dois. Cada um com um celular. Os três com um celular e eu com um iPad. Todo mundo tava conectado. O pessoal devia pensar "Essa mulher tá maluca". Cara, eu*

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

preciso viajar de avião, preciso de um minuto de paz. A gente chega num restaurante pra comer, por exemplo. (...) Não vou ficar brincando com criança o dia inteiro. Não vou. "Ah, é pequeno demais...". Cara, é a vida. (...) Ainda bem que ele sabe mexer. Eu não tenho esse negócio de não pode televisão. (...) Antes de ter filho, eu achava um absurdo, mas depois que você tem, fala "ainda bem que existe celular, ainda bem que tem aplicativo, ainda bem que existe chupeta."

Neuza, de 36 anos, também limita o tempo de uso dos filhos, 2 meninos de 3 e 6 anos, mas não sabe precisar o período, ou explicar o critério dessa estratégia de mediação restritiva. A função de babá do celular também aparece em sua fala:

Neuza: *Não, assim, eu não deixo muito tempo. Mas, assim, não é nada que eu fique, sabe... "Ah, não... Você tem direito a meia hora por dia." Porque tem dias que ele usa mais, tem dias que ele usa menos. Tem dias que ele demanda "ah, mãe, queria..." Tem dias que eu mesma que falo... no restaurante tá aquela confusão... "Não, fica agora um pouquinho com o celular, dá uma olhada aqui..."*

Flávia, de 38 anos, e Miguel, de 39, pais de Aline, de 5, foram os únicos pais entrevistados que expuseram claramente a razão por trás da regra de restringir o tempo de uso das mídias pela filha: quanto mais idade ela tem, mais ela pode ficar diante das telas, pois, no entendimento deles, com o passar dos anos ela vai compreendendo melhor os conteúdos a que tem acesso. Mas a mãe mostra ter dúvidas se a estratégia é positiva. Ela, por exemplo, se questiona se Alice passa o final de semana inteiro querendo usar o tablete, justamente por ser proibida de usar o dispositivo durante os dias úteis. o fato de não deixar a filha brincar com o tablete durante a semana não acaba levando a menina a querer usar o dispositivo o tempo todo no final de semana - essa família tem o costume de discutir a melhor forma de administrar o uso das TIC pela criança, o que não apareceu de maneira tão clara nas outras entrevistas:

Flavia: *É, essa é até uma questão que a gente discutiu um dia, mas depois a gente esqueceu e não falou mais sobre isso. Mas essa coisa do tablete... Se o fato de a gente estar proibindo ela de segunda a quinta a usar, só deixar no final de semana, se isso faz com que ela, no final de semana, queira usar o tempo todo. A gente se questionou um dia e depois acabou deixando... se, de repente, ela fica muito vidrada, porque ela só pode usar no final de semana.*

Ainda que Alice fique muitas vezes na companhia das telas sem supervisão adulta, Flavia e Miguel contam que a menina brinca com o pai de passar mensagem para ele de *Whatsapp* do celular da mãe em casa, e os dois adultos também brincam com ela de pesquisar palavras no mecanismo de busca *Google*.

Priscila, de 37 anos, mãe de Maria de 5 anos e de Felipe de 14, se diz preocupada com o uso em excesso das TIC pelos filhos, mas conta que os dois usam o celular dela e o computador, respectivamente, todos os dias, à noite, enquanto ela realiza atividades em casa, como preparar o jantar e outras tarefas domésticas. Em algumas ocasiões, ela utiliza com a filha menor uma mediação restritiva de conteúdo e uma mediação ativa para incentivar a menina a acessar jogos mais educativos. Priscila conta, por exemplo, que foi desestimulando Maria a assistir a vídeos no *YouTube* da *Barbie Letícia*, um canal que simula histórias com bonecas Barbie e bonecos Ken a partir do manuseio dos brinquedos por adultos que “dão vida” a eles a partir de uma dublagem, por considerar o conteúdo negativo para a idade dela. Entre os títulos dos vídeos estão “Barbie Leticia vai para hospital fazer exame de gravidez” e “Barbie Leticia no hospital e Gabi tenta roubar bebê!!!”:

Priscila: Ah, fui baixando joguinho, que ela gostava da *Moranginho*... Aí, eu disse “vamos ver se tem joguinho da *Moranginho*... Vamos ver se tem joguinho, sei lá, de cores.” Agora, ela tá começando a escrever... Então, comecei a incentivar pra juntar letras e sílabas... (...) Aí, ela foi se interessando por outras coisas.

Uma das famílias não deixa o menino de 6 anos assistir a vídeos no *YouTube* em que os interlocutores falam palavrão; a mãe da quarta família entrevistada relata verificar constantemente se os desenhos a que filha, de 3 anos, assiste no *Discovery Channel* têm algum conteúdo impróprio. Embora não declare se preocupar muito com o tempo que a filha de 6 anos passa diante da tela do celular, Antônio, de 33 anos, já proibiu Marcela de assistir a conteúdos adultos e a um “canal de homem”:

Antônio: Essas historinhas em que as meninas pequenas já estão, assim, com negócio de namoradinho, não sei o quê... não gosto que ela assista, não. Eu falo pra ela “Não quero que você veja nada de adulto, nada de homem.” Então, eu fico de olho nisso. Quando é adulto, eu falo “Pode tirar. Esse de adulto eu não quero que você veja. Você pode ver criança falando. Adulto, não.”

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

O desenho *Frozen* já fez a menina, de 3 anos, da quarta família entrevistada perguntar para a mãe se ela, assim como os pais da personagem Elsa, vai morrer, estimulando Amanda a acalmar a filha, a partir de uma mediação ativa:

Amanda: Ela perguntou uma vez “(...) os pais da Elsa morrem, né? (...)” Primeiro, eu vi que ela ficou triste, e ela: “mas o que aconteceu?” Eu disse: “eles viraram estrelinhas, eles foram embora.” Depois, ela perguntou: “mas, mamãe, você não vai morrer, não vai virar estrelinha, né!?” Eu preferi falar que não, porque ter que explicar... pelo menos eu achei. Mas, aí, ela: “É, até porque é um filme, né!?” Ela tem medo do desenho Valente, também da Disney. “Mãe, tô com medo (...) vem aqui pro meu lado”. Aí, eu tiro o filme.

A mediação de monitoramento, em que os adultos verificam os dispositivos tecnológicos após o uso da criança pequena, foi identificada no discurso de 3 famílias. Priscila e Otávio contam que checam o histórico de navegação dos *smartphones* para verificar o que a filha de 5 anos acessou. Paula, de 32 anos, mãe de Carolina de 3 anos, informa que fica atenta ao que a filha vem assistindo a partir das notificações de recomendação de vídeos do YouTube que recebe pelo celular. A menina tem o costume de pedir para assistir ao canal de uma youtuber mirim chamado "Canal da Lelê":

Paula: Meu celular fica cheio de notificação do que ela vê, e, às vezes, eu fico tarada com ela porque ela fala: “Mamãe, colo!”. Aí ela quer ficar vendo celular no colo. Ela está assistindo e eu estou assistindo. E eu fico perguntando: “Filha, isso aqui é o que?”. “Mas quem é esse aqui?”. “É a Lelê, você gosta da Lelê?”. “Mãe, eu amo a Lelê, mãe!”. (...) No meu celular, quando eu entro, assim, às vezes tem trinta, quarenta, cinquenta notificações de vídeos, assim... Assim, ah, tem um vídeo novo... Sabe, então, eu sei o que ela está assistindo.

A mediação técnica só apareceu na narrativa de duas das famílias. Miguel criou uma conta de YouTube e uma conta de Netflix para a filha, específicas para menores de idade. Já Antônio e Hélio decidiram bloquear por senha diversos canais da TV a cabo para que a filha de 6 anos não consiga ter acesso livre. Só que, contraditoriamente, o casal conta que a menina vê muito pouco a televisão; a mídia favorita dela é o *smartphone*, ao qual tem acesso praticamente o dia inteiro e sem nenhuma supervisão. As outras famílias explicaram que não usam nenhum recurso técnico ou "porque não precisa", ou porque

nunca pensaram muito sobre o tema. “Já pensamos, mas nunca efetivamos. Por preguiça. Falta de vergonha na cara. Sei que tem o Google Kids”, resume Beatriz, que tem uma filha de 3 anos.

O cenário que encontramos na maioria das famílias investigadas é que as crianças pequenas estão passando longos períodos na companhia das telas sem a supervisão de adultos e sem que haja mecanismos de filtro para selecionar o que elas podem ou não ver. Um dado muito importante que surgiu na pesquisa é que 8 das 10 famílias ouvidas se dizem preocupadas com o excesso de uso da tecnologia móvel pelos filhos pequenos, mas, dessas 8 famílias, 6 afirmam oferecer os dispositivos tecnológicos às crianças como *baby sitter* e as outras duas dão indícios, ao longo das narrativas, que no dia a dia mantêm a mesma rotina.

Outro dado significativo que apareceu no estudo, que confirma resultados similares encontrados em outros países (NIKKEN; SCHOLS, 2015), é que os pais tendem a praticar uma mediação ativa com os filhos mais velhos, que são mais alvo de preocupação do que as crianças pequenas quando o tema é riscos oferecidos pelas TIC. Três das 10 famílias ouvidas demonstraram apreensão em relação ao futuro, quando os filhos ficarem mais velhos, e as 2 mães que têm filhos com as maiores idades de todas as famílias entrevistadas (uma com um adolescente de 14 anos e uma com um menino de 10 anos) se dizem mais preocupadas em monitorar o que os mais velhos fazem com as tecnologias do que vigiar suas crianças menores. Estudos como o de Nikken e Schols (2015) e o de Galera, Matsumoto e Poveda (2016) apresentam cenários similares; segundo os autores, os adultos tendem a supervisionar menos e praticar menos mediação ativa, quando estão convencidos de que a TIC ainda é muito complicada para seus filhos. É nesse contexto que crianças pequenas parecem ter mais autonomia no uso de celulares e *tabletes*, em comparação com as mais velhas.

Considerações finais

O cenário macrossocial contemporâneo é marcado pela inserção da mulher no mercado de trabalho, desenvolvimento de novos arranjos familiares e afastamento geográfico entre famílias nucleares e famílias extensas provocado, muitas vezes, pelo processo de urbanização e pela propagação da velocidade como um valor importante desta sociedade de consumo e das mídias como um novo paradigma de progresso (BÉLANGER; ROSS, 2000). É esse o contexto da relação que crianças pequenas mantêm

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

hoje com os dispositivos tecnológicos e das estratégias de mediação dessa interação que vêm sendo implementadas pelos pais. A ubiquidade do *smartphone* vem influenciando as relações sociais e as relações familiares contemporâneas - uma família que não desconecta nunca.

Nossa investigação mostrou que o tempo que a criança pequena passa hoje com as telas e o interesse delas em brincar com os dispositivos tecnológicos é resultado da própria dinâmica familiar, em que quase todos os adultos oferecem espontaneamente aos filhos os seus aparelhos, principalmente quando chegam cansados do trabalho, ou querem realizar atividades que não incluem as crianças. O discurso preponderante dos pais entrevistados é: "não tem como não dar". É como se a interação da criança pequena com o *smartphone* e o *tablete* fosse uma realidade inevitável, como se não houvesse outra opção. Nossa hipótese é que os próprios adultos já não conseguem imaginar um cotidiano sem o uso do celular e mantêm essa percepção nos modos de lidar com os filhos.

Os relatos obtidos mostram indícios de uma "culpa" dos pais, que pode estar sendo alimentada por pesquisas e sucessivas reportagens na imprensa sobre os malefícios da tecnologia para as crianças. Talvez essa seja uma das principais razões que leve os pais a alternarem momentos de uso das TIC como *baby sitter* dos filhos e de controle do tempo de utilização desses dispositivos (mediação restritiva). É importante notar também que esse tipo de estratégia é mais fácil de ser implementada do que as demais.

Os dados indicam que há uma tensão simbólica doméstica: os adultos querem proteger seus filhos dos riscos que as tecnologias de informação podem oferecer, mas desejam também que as crianças possam usufruir das oportunidades de entretenimento e educação que os dispositivos oferecem. Querem passar mais tempo com os filhos, mas também se sentem cansados e veem as TIC muitas vezes como uma excelente babá eletrônica. Além disso, os próprios pais não estão sabendo lidar com a sua própria relação com a tecnologia móvel.

O fato é que os adultos devem ficar mais atentos e investir mais em estratégias de mediação ativa: as crianças pequenas precisam ser orientadas desde cedo em relação aos conteúdos que acessam nos celulares e *tabletes*. E como exercer essa mediação de

maneira eficiente? Necessitamos de mais debate e de mais pesquisas para encontrar possíveis respostas.

Referências

BÉLANGER, Pierre C.; ROSS, Philippe. Usos y percepciones de las nuevas tecnologías e incidências en la vida familiar. *Comunicar* 14, p.69-78, 2000.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. Crianças até 8 anos e tecnologias digitais no lar: os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. *Observatorio Journal*, 2017, p.72-90.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CHAUDRON, Stephane. *Young Children (0-8) and Digital Technology*. A qualitative exploratory study across seven countries. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2015.

DALY, Kerry. *Families & Time: keeping pace in a hurried culture*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

FERNANDES, Larissa Krüger; CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias. Infância e tecnologia: um panorama metodológico das pesquisas qualitativas na área. *CIAIQ*, p.667-676, 2017.

FILGUEIRAS, Rita. Estudos em mediatização: causalidades, centralidades, interdisciplinaridades. *Matrizes*, v.11, n1, São Paulo, p. 101-126, jan./abr. 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1984.

GALERA, N., MATSUMOTO, M., POVEDA, D. The place of digital devices in the home and family routines of young children (3–7) in Madrid. *Media Education: Studi, Ricerche, Boune Pratiche*, 7(2), p.303–319, 2016.

LAURICELLA, A.; WARTELLA, E.; RIDEOUT, V. Young children's screen time: The complex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 2015, 36, 11-17.

LIVINGSTONE, S., MASCHERONI, G., DREIER, M., CHAUDRON, S.; LAGAE, K. How parents of young children manage digital devices at home: The role of income, education and parental style. London: EU Kids Online, LSE, 2015.

LOVATO, S., & WAXMAN, S.R. Young Children Learning from Touch Screens: Talking a Wider View. *Frontiers in Psychology*, 7, 2016.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007.

"Não tem como não dar": crianças pequenas, tecnologia móvel e estratégias de mediação familiar

MESCH, Gustavo. Family relations and the internet: exploring a Family boundaries approach. *The Journal of Family communication*, 6(2), p.119-138, 2006.

NEVSKI, E., & SIIBAK, A. The role of parents and parental mediation on 0-3-year olds' digital play with smart devices: Estonian parents' attitudes and practices. *Early Years An International Research Journal*, 1472-4421, 2016.

NIMROD, Galit; ELIAS, Nelly; LEMISH, Dafna. Measuring Mediation of Children's Media Use. *International Journal of Communication*, 2019, n13, p.342-358.

NIKKEN, Peter; SCHOLS, Marjon. How and why parents guide the media use of young children. *Journal of Child and Family Studies*, 24:3423-3435, 2015.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. *Cadernos de Pesquisa*, n.115, p.235-264, março/2012.

PEREIRA, Sara de Jesus Gomes – A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar. Braga. Tese. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1998.

PLOWMAN, Lydia. Researching Young Children's Everyday Uses of Technology in the Family Home. *Interacting with Computers*, 2014.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David; Information and communication technologies and the moral economy of the household. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric. (eds), *Consuming technologies: media and information in domestic spaces*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

SINGER, Dorothy; SINGER, Jerome. *Imagination and play in the electronic age*. Harvard University Press, 2005.

SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOBRAL, Jacqueline. *Adultos, smartphones e crianças pequenas: um estudo sobre famílias midiaticizadas*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TAPSCOTT, D. *Growing up digital: the rise of the Net Generation*. New York: McGraw-Hill, 1998.

Nota

1 Foram adotados pseudônimos para preservar a identidade dos entrevistados.

Sobre a autora

Jacqueline Sobral

Doutora em Educação pela PUC-Rio e Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Professora do IBMR - Laureate International Universities.

E-mail: jacqueline.sobral@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9758-1726>

Recebido em: 21/03/2019

Aceito para publicação em: 08/04/2019